

Percepções Racistas sobre Mulheres Negras em Relacionamentos Amorosos

Thais de Sousa Silva ¹ , Tamyres Tomaz Paiva , Vilma Felipe Costa de Melo , & Josane Cristina Batista Santos ²

Faculdade de Enfermagem Nova Esperança, João Pessoa, Brasil.

RESUMO

As mulheres sempre enfrentaram inúmeras dificuldades, seja por questões culturais ou sociais. Ao longo da história, seus direitos e oportunidades foram limitados. Uma das maneiras de estudar o preconceito é por meio da infra-humanização, uma teoria social que consiste em atribuir menos emoções, pensamentos e características humanas a membros de um grupo social considerado 'inferior'. O objetivo geral deste estudo foi analisar o papel da infra-humanização em uma situação envolvendo a fotografia de uma mulher negra, em relação à atribuição de racismo no âmbito dos relacionamentos amorosos. Participaram da pesquisa, de forma voluntária, 108 estudantes universitários maiores de 18 anos, de ambos os sexos e de qualquer curso superior. Foram utilizados: um cenário manipulado com duas fotos (uma de uma mulher negra e outra de uma mulher branca), as Escalas de Sexismo Ambivalente e Racismo Moderno, além de um questionário sociodemográfico. A análise estatística foi realizada por meio do Jamovi. Os resultados demonstraram, por meio das análises, que há uma relação entre as variáveis condição experimental (mulher preta), sexismo, emoções primárias e secundárias, e racismo. Foi observado, por meio das mediações duplas, que as emoções primárias ($B = 0,31$; $SE = 0,11$; $IC95\% 0,25-0,53$; $p = 0,001$) e secundárias ($B = 0,12$; $SE = 0,04$; $IC95\% 0,03-0,21$; $p = 0,00$) tiveram efeito indireto; ou seja, as emoções funcionam como mediadoras da relação entre a condição experimental e o racismo. Assim, comprovou-se que a infra-humanização ocorre por meio da percepção de mulheres de pele preta, legitimando o racismo moderno.

Palavras chave

psicologia social, discriminação, emoções, sexismo

ABSTRACT

Women have always faced numerous difficulties, whether due to cultural or social factors. Throughout history, their rights and opportunities have been limited. One way to study prejudice is through infra-humanization, a social theory that involves attributing fewer emotions, thoughts, and human characteristics to members of a social group considered 'inferior.' The primary objective of this study was to analyze the role of infra-humanization in a situation involving the photograph of a Black woman in relation to the attribution of racism within the context of romantic relationships. A total of 108 university students over 18 years of age, of both genders and from various degree programs, participated voluntarily. The study used a manipulated scenario with two photos (one of a Black woman and one of a White woman), along with the Ambivalent Sexism Scale, the Modern Racism Scale, and a sociodemographic questionnaire. Statistical analysis was performed using Jamovi. The results indicated through the analyses that there is a relationship between the variables: experimental condition (Black woman), sexism, primary and secondary emotions, and racism. Double mediation analyses showed that primary emotions ($B=0.31$; $SE=0.11$; $95\%CI 0.25$; 0.53 ; $p=0.001$) and secondary emotions ($B=0.12$; $SE=0.04$; $95\%CI 0.03$; 0.21 ; $p=0.00$) had an indirect effect, meaning that emotions function as mediators in the relationship between the experimental condition and racism. Thus, it was confirmed that infra-humanization occurs through the perception of Black-skinned women, legitimizing modern racism.

Keywords

social psychology, discrimination, emotions, sexism

¹ Correspondence about this article should be addressed **Thais de Sousa Silva**: thasousa.psi@gmail.com

² **Conflicts of Interest:** The authors declare that the research was conducted in the absence of any commercial or financial relationships that could be construed as a potential conflict of interest.

Racist Perceptions of Black Women in Romantic Relationships

Introdução

As mulheres sempre enfrentaram inúmeras dificuldades, seja por questões culturais ou sociais. Ao longo da história, seus direitos e oportunidades foram limitados. Moldadas por normas patriarcais, as mulheres não tinham acesso à educação, à participação política e ao controle sobre suas próprias vidas. No livro *A Criação do Patriarcado*, Gerda Lerner (2019) aborda, no primeiro capítulo, as possíveis origens dessa submissão feminina, que estariam enraizadas na visão teológica cristã e em suposições androcêntricas. As experiências masculinas são vistas como representativas de toda a humanidade e adotadas como uma norma universal, tanto para homens quanto para mulheres, sem que as experiências femininas recebam o devido reconhecimento pleno e igualitário (Nascimento, 2020). Defendia-se a ideia da "assimetria sexual", segundo a qual, se à mulher foi atribuída, de acordo com o planejamento divino, uma função biológica diferente da do homem, a ela também deveriam ser atribuídas diferentes tarefas sociais (Lerner, 2019).

Durante a Idade Média e o Renascimento, embora algumas mulheres tenham se destacado em áreas como literatura, arte e ciência, a maioria enfrentava severas restrições. A perseguição às mulheres consideradas "bruxas" durante os julgamentos da Inquisição é um exemplo sombrio de como o medo e o controle foram usados para reprimir as mulheres. Qualquer mulher comum que não se submetesse à Igreja, se recusasse a seguir normas cristãs, desobedecesse ao marido ou possuísse conhecimentos sobre o valor medicinal de chás e ervas era vista como bruxa (Federici, 2017). Após séculos, movimentos de direitos das mulheres começaram a desafiar essas normas. O movimento sufragista, por exemplo, lutou pelo direito das mulheres ao voto em muitos países no final do século XIX e início do século XX. Para Bell Hooks (2018), a socialização pelo pensamento patriarcal moldou as mulheres para se verem como inferiores aos homens, competindo entre si pela aprovação patriarcal e olhando umas às outras com sentimentos de inveja, medo e ódio.

No que se refere às mulheres negras, todas as limitações se tornaram ainda maiores, já que são perpetuadas até os dias atuais as várias marcas deixadas pela escravidão. Pessoas negras eram vistas como "inferiores" e, por muito tempo, tiveram os seus direitos mais básicos negados, sendo estereotipadas e marginalizadas. Apesar das diversas medidas que foram tomadas ao longo desses 136 anos da assinatura da Lei Áurea,

para reduzir a discrepância entre negros e brancos, ainda há um abismo enorme que os separa socialmente e esse abismo se torna ainda maior para as mulheres negras. Mulheres brancas e negras não se tornaram mulheres da mesma maneira (Piscitelli, 2009). As mulheres negras “foram constituídas simultaneamente, em termos sexuais e raciais, como fêmeas próximas dos animais, sexualizadas e sem direitos em uma instituição que as excluía dos sistemas de casamento” (Piscitelli, 2009, p.141).

De acordo com o estudo Estatísticas do Gênero, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2024), a desigualdade social atinge mais as mulheres negras e pardas do que as mulheres brancas. Isso ocorre em todas as esferas, seja na educação, no mercado de trabalho, na renda e até mesmo na representatividade política. Das mulheres negras, 33,5% vivem em domicílios em que o rendimento domiciliar per capita está abaixo da linha de pobreza, entre as mulheres brancas, são pouco mais de 15%. No que se refere à educação, a proporção de mulheres negras ou pardas que estudavam era de 27,9% enquanto as mulheres brancas representavam cerca de 39,7% (Cabral, 2023).

O 17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública (Fórum Brasileiro de Segurança Pública FBSP, 2023a) expõe que, das mulheres vítimas de violência letal e intencional (MVI), no Brasil, para o ano de 2022, em torno de 68,9% eram negras e 30,4% brancas. Enquanto 38,4% das vítimas de feminicídio foram de mulheres brancas, 61,1% foram de mulheres negras, segundo o anuário. Ainda trazendo dados estatísticos sobre a situação das mulheres negras no Brasil, uma pesquisa do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre/FGV), realizada pela pesquisadora Janaína Feijó (Feijó, 2023), aponta que há mais de 11 milhões de mulheres que são mãe solo no país. Essa pesquisa traz também que, cerca de 90% das mães solo entre 2012 e 2022, são negras e 72,4% destas não dispõem de rede de apoio.

Por meio dos dados expostos, pode-se perceber o quanto as mulheres negras têm sido diminuídas ao longo das décadas e como isso fez com que elas ocupassem a base da pirâmide social (Brasil, 2023), tornando-as cada vez mais marginalizadas e tendo seus direitos mais básicos negados, sendo privadas do mínimo de dignidade e conforto. Além de toda a marginalização enfrentada, ainda há os estereótipos, a objetificação e a hipersexualização às quais são submetidas, o que pode influenciar diretamente na forma como elas são percebidas e tratadas pela sociedade (Santana, 2022). Ao adentrar o tema dos relacionamentos, observa-se que as mulheres negras, na maioria das vezes, não são

vistas como opção para um relacionamento duradouro, nem mesmo pelos homens negros, que, em muitos casos, buscam relacionamentos com mulheres brancas (Pacheco, 2008).

Segundo Allport (1954), o preconceito étnico é uma antipatia baseada em generalizações errôneas e rígidas, e experienciada ou evidenciada por determinados grupos sociais. Ao longo das décadas, as formas de preconceito, entre elas o racial, tornaram-se cada vez mais sutis. Muitas vezes, ele é expresso de forma tão encoberta que acaba não sendo reconhecido e até mesmo se torna algo utilizado de forma cômica e corriqueira, sem que as pessoas percebam do que se trata. Mesmo quando percebem, é algo tão impregnado na sociedade que não é visto como preconceito de fato. Uma das formas de analisar o preconceito velado e contido é através da infra-humanização (Fernandes, 2011).

Conforme Leyens et al. (2001, 2000, 2007), a compreensão do julgamento social envolve atribuir tanto emoções humanas quanto não-humanas às categorias sociais. A teoria da infra-humanização discute essa atribuição de menos características humanas aos indivíduos de um grupo tido como 'inferior', bem como menos emoções e pensamentos (Leyens et al., 2001). A percepção que um grupo tem do outro, visto como menos merecedor de respeito moral, é muitas vezes seguida de uma redução na empatia e na afinidade com o grupo desumanizado. Quando ocorre a desumanização de um grupo, as emoções secundárias podem ser eliminadas em relação a esse grupo (Leyens et al., 2001; Leyens et al., 2000; Leyens et al., 2007). Um grupo tido como superior pode sentir menos empatia ou consideração pelos membros do grupo 'inferior', pois os vê como menos capazes de experienciar as emoções básicas que são consideradas essenciais aos seres humanos (Leyens et al., 2000; Lima & Vala, 2005).

Já com relação às emoções secundárias, estas podem ser empregadas como forma de potencializar os estereótipos negativos sobre um grupo desumanizado (Lima, 2020). As mulheres, no contexto da infra-humanização, podem ter suas emoções invalidadas devido à desumanização e à inferioridade que lhes são atribuídas (Baldry et al., 2015; Viki & Abrams, 2003). Para as mulheres negras, essa desumanização pode se intensificar quando atrelada ao racismo, fazendo com que elas sejam vistas como “indignas” do amor e da atenção de possíveis parceiros. As mulheres negras não correspondem ao estereótipo de mulher valorizada por pertencerem a grupos desvalorizados (Coles & Pasek, 2020).

Essa desvalorização pode estar relacionada à interseccionalidade. Akotirene (2019) conceitua a interseccionalidade como um "sistema interconectado de opressão". Essa interseccionalidade, de forma geral, pode dificultar o acesso das mulheres negras às

políticas públicas, à saúde, à segurança, à educação de qualidade e a todos os demais serviços que garantiriam sua dignidade e qualidade de vida. Para Crenshaw (1989, p. 140), “a experiência interseccional é maior do que a soma de racismo e sexismo, e qualquer análise que não leve em consideração a interseccionalidade não pode abordar suficientemente a maneira particular pela qual as mulheres negras são subordinadas”.

O fenômeno social do sexismo também pode estar atrelado à infra-humanização. A teoria do sexismo ambivalente (Glick & Fiske, 1996; 2001) refere-se a uma forma de preconceito de gênero que envolve atitudes contraditórias em relação às mulheres. Em vez de serem puramente positivas ou negativas, essas atitudes são ambíguas e podem incluir elementos de hostilidade e benevolência simultaneamente. O sexismo é uma das questões sociais profundamente enraizadas na sociedade. Desde a infância, as mulheres enfrentam pressões exaustivas para se encaixarem nos padrões estabelecidos por uma sociedade patriarcal. Esses padrões tornam-se ainda mais rígidos e, em muitos casos, quase inalcançáveis para as mulheres negras. Esse fenômeno ocorre, entre outros fatores, devido ao branqueamento estético, que contribui para a desvalorização dos traços e da cultura da mulher negra (Veloso, 2015). Em um estudo, McMahon e Kahn (2016) constataram que o sexismo benevolente se manifesta de forma mais positiva em relação às mulheres brancas do que às negras.

Quanto mais traços negróides a mulher possuir, maior será o preconceito sofrido (Nogueira, 2007). Essas características ditam as regras em que a mulher negra passa a ocupar posições inferiores. As mulheres negras ganham menos em relação às mulheres brancas (Feijó, 2022) e sofrem mais violência em seus relacionamentos amorosos (FBSP, 2023). Nesse sentido, pretende-se analisar o papel da infra-humanização em uma situação envolvendo a fotografia de uma mulher negra em relação à atribuição de racismo, no âmbito dos relacionamentos amorosos.

Método

Participantes

Participaram 108 universitários, sendo a maioria do sexo feminino ($n= 88$; 81,48%). A média de idade dos respondentes foi de 25,9 anos ($DP=8,45$), sendo a idade mínima 18 e a máxima 55 anos. São também estudantes do curso de psicologia (77,8%), solteiros (75%), com renda mensal de 1 a 3 salários-mínimos (52,8%), e pertencentes à

religião evangélica (35,2%). Majoritariamente os participantes se autodeclararam brancos (45,4%), e uma minoria se autodeclarou preta (13%), e parda (39,8%).

Para verificar se os respondentes estavam prestando atenção ao que estava sendo respondido, foi aplicado um item controle. O item $2 + 2 = 4$, foi colocado no meio da escala como forma de verificar se os respondentes estavam lendo. Todos os participantes acertaram o item controle (100%) e nenhum participante foi excluído.

Materiais

Foram usados o questionário sociodemográfico, uma situação experimental, sequencialmente:

O Questionário Sociodemográfico foi aplicado a fim de traçar o perfil da amostra, com questões como: idade, sexo, status de relacionamento, tempo de relacionamento, orientação sexual, escolaridade, religião e renda familiar.

Na Manipulação da Situação foi apresentada uma situação fictícia, elaborada pelo presente estudo, de um caso de divórcio com pedido de indenização por parte da mulher. A mesma situação foi exposta em conjunto com fotografias de uma mulher com estereótipos negróides e a outra mulher com estereótipo branco. As fotografias foram retiradas do banco de fotos da Chicago Face Database (Ma, et al., 2015), gratuitos e permitidos para uso em pesquisas. As fotografias da situação foram transformadas em variável dummy com a finalidade de avaliar estatisticamente os efeitos da manipulação. Uma parcela dos participantes recebeu uma foto de uma mulher negra (Condição experimental 0) e a outra parcela de participantes recebeu a foto de uma mulher branca (Condição experimental 1). Em apêndices são mostradas como as fotografias foram apresentadas aos participantes.

“Maria e Pedro Pereira se conheceram na época da faculdade e se casaram após a formatura. Maria seguiu uma carreira promissora como médica, enquanto Pedro trabalhava como engenheiro civil. Durante o casamento, Pedro teve a oportunidade de abrir sua própria empresa de construção, que se tornou um sucesso significativo nos últimos anos. Após 20 anos de casamento, Maria decide pedir o divórcio a Pedro. Maria alega: “Fui subestimada e desvalorizada no meu casamento (...)”

“(...) minhas conquistas pessoais eram diminuídas constantemente por ele, eu me sentia depreciada no casamento (...), para cuidar dele e dos

meus filhos eu abri mão de inúmeras oportunidades profissionais (...)(...) e ainda o ajudei a subir em sua carreira profissional(...)"

Em seguida foram apresentados itens sobre as emoções e duas escalas, respectivamente:

Foram apresentadas as seguintes emoções: emoções primárias (e.g., raiva, vergonha, nojo e tristeza) e emoções secundárias (e.g., culpa, hostilidade, remorso e orgulho). Para transformar essa variável em dummy, foi necessário contabilizar o número de emoções atribuídas à fotografia visualizada (de acordo com a situação da condição experimental 0 ou 1). A codificação foi realizada da seguinte forma, atribuição de emoções primárias, secundárias e sem definição (as emoções foram atribuídas de forma igual para a condição). Para efeito de comparação foram codificadas 2 variáveis dummy. A primeira para emoções primárias e a segunda para emoções secundárias.

O Inventário de Sexismo Ambivalente (ISA) foi elaborado em inglês por Glick e Fiske (1996) e adaptado para a realidade brasileira por Formiga, Gouveia e Santos (2002). Este instrumento é composto por 22 itens que avaliam duas dimensões do sexismo: o sexismo hostil (e.g., “as mulheres feministas estão fazendo exigências completamente irracionais aos homens”, com coeficiente de consistência interna $\alpha = 0,88$) e o sexismo benevolente (e.g., “em caso de grandes ou pequenos acidentes, as mulheres devem ser resgatadas antes que os homens”, com coeficiente de consistência interna, $\alpha = 0,81$). Os dois fatores — hostil e benevolente — estão correlacionados ($r = 0,63$; $p = 0,001$) de forma que podem ser agrupados para formar um fator geral de sexismo. Os itens foram agrupados formando um fator geral sobre o sexismo, demonstrando consistência interna de 0,90. O conteúdo apresentado usou uma escala de quatro pontos, tipo Likert, com os seguintes extremos: 1 = Discordo totalmente e 4 = Concordo totalmente.

A Escala de Racismo Moderno foi elaborada por McConahay (1986) e adaptada para a realidade brasileira por Santos, et al. (2006). Nesta versão, a pessoa deve ler os 14 itens e indicar o quanto concorda ou discorda do conteúdo expresso. A escala é dividida em dois fatores: o fator de negação do preconceito (e.g., “elas têm conseguido mais do que merecem”, com coeficiente de consistência interna, $\alpha = 0,76$) e o fator de afirmação das diferenças (e.g., “possuem uma beleza diferente”, com coeficiente de consistência interna, $\alpha = 0,79$). Os dois fatores — afirmação e negação — estão correlacionados ($r = 0,26$; $p = 0,007$), de forma que foram agrupados para formar um fator geral de racismo. Os itens foram agrupados de modo a formar um fator geral, que demonstrou uma

consistência interna de 0,78. Utilizou-se uma escala de sete pontos do tipo Likert, com os extremos: 1 = Discordo totalmente e 7 = Concordo totalmente.

Para testar se a manipulação das imagens foi suficiente para a obtenção do experimento, usou-se uma variável com uma pergunta sobre a indenização que Maria receberia por sua separação. Por meio da análise do teste t, verificou-se que o teste de Levene foi significativo ($F = 5,90$; $p = 0,01$; $t = -1,32$; $gl = 106$). Na condição em que se mostrava a figura da mulher preta pedindo indenização às pessoas deram média de 45.066 ($DP = 120$), enquanto na condição em que se mostrava a figura da mulher branca pedindo a indenização às pessoas deram média de 109.245 ($DP = 330$). Isto significa dizer que dependendo da foto exposta, as pessoas atribuem mais valor, demonstrando que a manipulação funcionou nos grupos experimentais.

Procedimentos

A coleta de dados foi realizada de forma presencial, sendo iniciada após o parecer fornecido pelo Comitê de Ética e Pesquisa das Faculdades Nova Esperança (CAEE: 82200924.0.0000.5179), parecer nº 7.266.227. Os participantes foram informados previamente do objetivo, dos riscos e procedimentos da pesquisa, e de seu direito de recusar ou interromper sua participação, bem como dos cuidados tomados para garantir o sigilo e a confidencialidade das informações individuais, preservando a identidade dos respondentes. Os participantes foram abordados nas salas de aula da instituição. Para se ter acesso às salas de aula, a pesquisadora entrou em contato com os professores da instituição, fornecendo explicações acerca da pesquisa e pedindo autorização para coleta dos dados nas salas. Após a obtenção da autorização, foi entregue aos participantes presentes na sala o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido -TCLE, acompanhado dos instrumentos de coleta. Foram incluídos os estudantes universitários que concordaram em participar da pesquisa, e que também eram maiores de 18 anos.

Análise de dados

Foi realizada uma estatística descritiva e inferencial para caracterização da amostra. Também foi realizada correlação r de *Pearson*, regressão método *stepwise* e uma análise de mediação dupla. Todos os dados foram analisados por meio do programa estatístico do Software Jamovi (versão 2.3.28).

Considerações éticas

A pesquisa foi realizada levando em consideração os Aspectos Éticos preconizados pela Resolução CNS 466/2012, que trata das diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, e da Resolução 510/2016, que dispõe normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais, bem como os preceitos estabelecidos pelo Código de Ética dos Profissionais de Psicologia, Resolução nº10 de 2005 do Conselho Federal de Psicologia.

Resultados

Inicialmente, foi realizada uma correlação de Pearson, a qual indicou que a fotografia da mulher negra se correlacionou positivamente com emoções primárias ($r=0,20$; $p < 0,05$) e com o racismo ($r=0,22$; $p < 0,01$); e negativamente com emoções secundárias ($r=-0,29$; $p < 0,01$). As emoções secundárias se correlacionaram negativamente com o racismo moderno ($r=-0,52$; $p < 0,001$). As emoções primárias se correlacionam positivamente com o racismo moderno ($r=0,32$; $p < 0,001$). E o sexismo se correlacionou apenas com o racismo moderno ($r=0,46$; $p < 0,001$) (Observar Tabela 1).

Tabela 1

Correlação entre as variáveis

	Situação	Emoções Secundárias	Emoções Primárias	Sexismo
Condição experimental (Fotografia da mulher negra)	--			
Emoções Secundárias	-0,29**			
Emoções Primárias	0,20*	-0,65**		
Sexismo	-0,04	-0,11	0,13	
Racismo Moderno	0,22*	-0,52**	0,32**	0,46**

Nota. * $p < .05$, ** $p < .01$, *** $p < .001$

Em seguida foi realizada uma regressão, método *Stepwise*. Observou-se por meio dessa primeira análise que a situação ($\beta=0,22$; $EP=0,09$; $IC95\%0,04;0,41$; $t=2,43$; $p=0,017$) contribui para explicar o racismo de forma relevante, mesmo que seu efeito seja pequeno. No segundo bloco foi adicionada a variável sexismo ($\beta=0,42$; $EP=0,07$; $IC95\%0,27;0,56$; $t=5,78$; $p=0,01$) tendo resultado significativo nesta, sendo preditor do racismo. Esse bloco sugere ainda que um aumento na variável sexismo está associado a

um aumento na variável racismo e que, as variáveis situação e sexismo juntas tiveram maior relevância para explicar o racismo. No terceiro bloco foi adicionada a variável emoções primárias ($\beta = 0,31$; $EP = 0,11$; $IC95\% - 0,08; 0,53$; $t = 2,71$; $p = 0,08$), os resultados desse bloco indicam que as variáveis situação, sexismo e emoções primárias, juntas, explicam o racismo de forma estatisticamente relevante. A adição dessa variável sugere que conforme aumentam as emoções primárias também se espera um aumento da variável racismo. No último bloco foi adicionada a variável emoções secundárias ($\beta = -0,53$; $EP = 0,10$; $IC95\% - 0,74; -0,32$; $t = -4,96$; $p = 0,01$), que teve um efeito negativamente significativo, sugerindo que quanto mais emoções secundárias, menor o racismo. Um fato não esperado foi que a situação da fotografia da mulher negra e as emoções primárias perderam seus efeitos, mediante a apresentação do preconceito contra a mulher (atitudes sexistas) e as emoções secundárias (Observar Tabela 2).

Tabela 2

Regressão Múltipla Método Stepwise

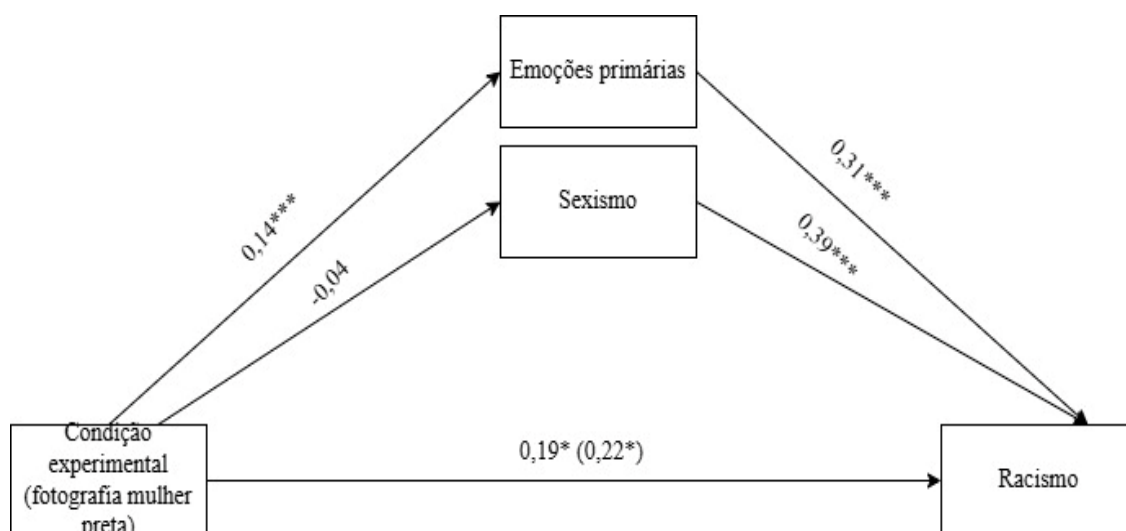
	R	R²	F	Sig(f)	β	t	P
VI	0,22	0,05	5,89	0,017			
Intercepto					1,36	20,5	0,01
Situação					0,22	2,43	0,017
VI	0,53	0,28	20,5	0,01			
Intercepto					0,52	3,40	0,01
Situação					0,24	3,01	0,03
Sexismo					0,42	5,78	0,01
VI	0,57	0,32	16,9	0,01			
Intercepto					0,56	3,70	0,01
Situação					0,19	2,46	0,015
Sexismo					0,39	5,50	0,01
Emoções Primárias					0,31	2,71	0,08
VI	0,67	0,45	21,8	0,01			
Intercepto					1,08	6,27	0,01
Situação					0,11	1,54	0,12
Sexismo					0,37	5,79	0,01
Emoções Primárias					-0,10	-0,81	0,41
Emoções Secundárias					-0,53	-4,96	0,01

Nota. VD: Racismo

Foi realizado também o modelo de mediação com duplo mediadores inicialmente testando a relação da condição experimental (fotografia da mulher preta) com o racismo mediado pelas emoções primárias e o sexismo. Verificou-se que a condição experimental, a fotografia da mulher preta tem efeito direto sobre o racismo ($B=0,19$; $SE=0,09$; $IC95\%0,04;0,40$; $p=0,01$), isso indica que o simples fato de os participantes observarem a mulher preta foi suficiente para ativar o racismo. Observou-se que nessa relação o sexismo (mediador) não obteve efeito indireto significativo ($B=-0,01$; $SE=0,04$; $IC95\%-0,10;0,06$; $p=0,67$) indicando que o sexismo não foi estatisticamente significativo para mediar essa relação entre a fotografia da mulher negra e o racismo. Enquanto a variável mediadora, emoções primárias, obteve um efeito indireto marginalmente significativo ($B=0,04$; $SE=0,02$; $IC95\%-0,00;0,09$; $p=0,09$), na relação da fotografia da mulher negra e o racismo. Nesse caso, houve uma mediação parcial, em que os participantes legitimam o racismo por ver uma fotografia e aumentam os efeitos após atribuírem emoções primárias à fotografia que eles viram ($B=0,31$; $SE=0,11$; $IC95\%0,25;0,53$; $p=0,001$). (Ver Figura 1).

Figura 1

Modelo de mediação dupla com emoções primárias



Nota. *** $p < 0,001$; * $p < 0,05$.

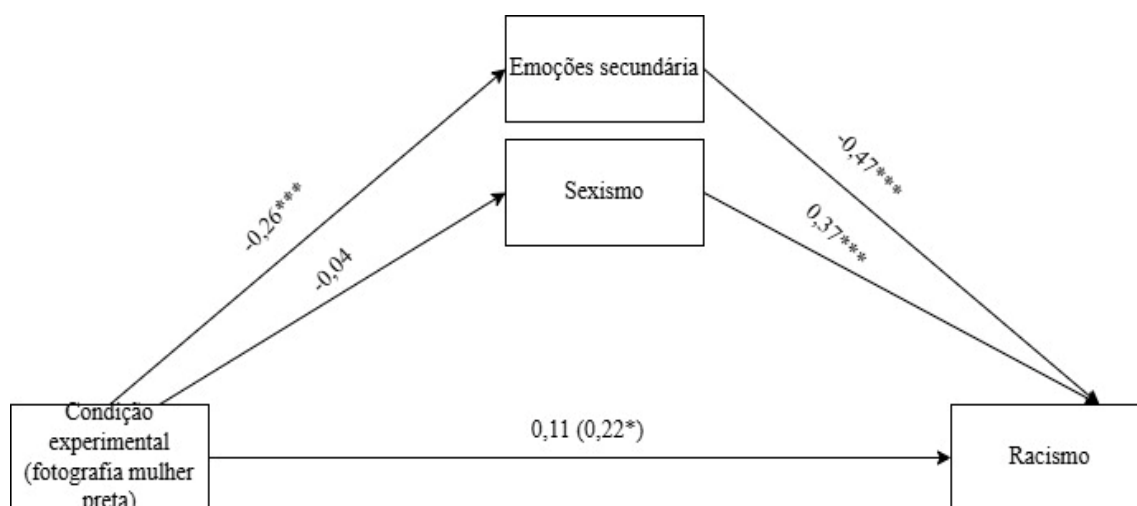
Fonte. Autoria própria

Foi realizado um segundo modelo de mediação com duplo mediadores inicialmente testando a relação da condição experimental (fotografia da mulher preta) com o racismo mediado pelas emoções secundárias e o sexismo. Observou-se que nessa relação o sexismo (mediador) não obteve efeito indireto significativo ($B=-0,01$; $SE=0,03$; $IC95\%-0,09;0,06$; $p=0,67$). Mas, com a variável mediadora, emoções primárias,

verificou-se que houve uma mediação da relação entre a situação e o racismo ($B = 0,12$; $SE = 0,04$; $IC95\% 0,03; 0,21$; $p = 0,00$). Verificou-se que a condição experimental, a fotografia da mulher preta não possui efeito direto sobre o racismo ($B = 0,11$; $SE = 0,07$; $IC95\% -0,00; 0,25$; $p = 0,11$). Isto é, é uma mediação total em que a entrada da variável mediadora anula os efeitos diretos. Como pode perceber por meio da figura 2, os participantes ao visualizarem a fotografia da mulher preta atribuem menos emoções secundárias, e quanto menor as emoções secundárias maior será o racismo, contribuindo para a sua legitimação.

Figura 2

Modelo de mediação dupla com emoções secundárias



Nota. *** $p < 0,001$; * $p < 0,05$.

Fonte. Autoria própria

Discussão

O objetivo geral deste estudo foi analisar o papel da infra-humanização em uma situação envolvendo a fotografia de uma mulher negra em relação à atribuição de racismo no âmbito dos relacionamentos amorosos. Os objetivos foram ratificados, comprovando a relação entre essas variáveis. Observou-se, por meio das análises iniciais de correlação, que a condição experimental da fotografia da mulher negra apresentou um relacionamento positivo com as emoções primárias e negativo com as emoções secundárias; ou seja, o simples fato de visualizar a fotografia da mulher negra faz com que as pessoas atribuam mais emoções primárias e menos emoções secundárias a ela. Isso significa que as mulheres negras são vistas como pessoas com emoções associadas a

animais, emitidas fisiologicamente de forma rápida, sem processamento da informação. Essas mesmas mulheres negras também são vistas com menos sentimentos humanos, pois esses envolvem reflexões morais, cognições e sensibilidades (Lima & Vala, 2005).

Observou-se também que o sexismo prediz o racismo, demonstrando uma interseccionalidade entre essas formas de discriminação. A interseccionalidade explica como identidades sobrepostas, como raça e gênero, interagem para criar experiências únicas de opressão e discriminação, impossíveis de serem compreendidas isoladamente (Crenshaw, 1989). De forma geral, essa interseccionalidade pode dificultar o acesso de mulheres negras a políticas públicas, saúde, segurança, educação de qualidade e demais serviços essenciais para garantir sua dignidade e qualidade de vida. O presente estudo demonstrou que o sexismo prediz o racismo moderno, aonde o preconceito vai além das dimensões de gênero e raça; essas se unem para legitimar comportamentos discriminatórios, como a crença de que pessoas negras recebem mais do que merecem (Santos et al., 2006).

Esse aspecto da interseccionalidade evidencia como as pessoas que pertencem simultaneamente às categorias de mulher e negra são percebidas como menos valorizadas (Marcondes et al., 2013). A representação de um estereótipo de um corpo feminino mantém uma ideologia de superioridade das mulheres brancas sobre as pretas (Boccatto et al., 2015). Além disso, são atribuídas a elas emoções associadas a animais (Fernandes, 2011), fazendo das emoções um ponto de partida importante para compreender o desmerecimento das categorias interseccionais. Pessoas negras recebem menos atribuição de emoções secundárias em comparação com pessoas brancas, que são associadas a mais emoções secundárias (Fernandes & Pereira, 2019). Além disso, quando as pessoas negras fracassam na vida, elas recebem mais sentimentos e emoções negativas (Lima & Vala, 2005). Esse fenômeno é denominado pela teoria da infra-humanização (Leyens et al., 2000; Leyens et al., 2001; Leyens et al., 2007), que propõe que indivíduos de grupos percebidos como “inferiores” recebem menos atribuições de características humanas, incluindo a negação de emoções e pensamentos mais complexos.

Neste sentido, observou-se, por meio dos resultados da primeira mediação, que a imagem da mulher negra possui um efeito direto sobre o racismo; ou seja, a simples visualização da fotografia de uma mulher negra é suficiente para a atribuição de comportamentos racistas. Essa relação foi mediada por emoções primárias, mostrando que as pessoas, ao visualizarem a mulher negra, tendem a atribuir a ela emoções primárias (e.g., raiva, nojo, tristeza), o que contribui para a manutenção de comportamentos racistas

em relação a essa mulher (Lima, 2020). A atribuição de emoções primárias pode, portanto, funcionar como uma justificativa inconsciente para atitudes racistas, corroborando também a afirmação de que as mulheres, no contexto da infra-humanização, podem ter suas emoções invalidadas devido à desumanização e à inferioridade atribuídas a elas (Baldry, et al., 2015; Viki & Abrams, 2003). Na segunda mediação, observa-se que as emoções secundárias foram estatisticamente significativas, demonstrando que os efeitos podem ser aumentados quando se atribui menos emoções secundárias. As mulheres negras não são vistas como humanas (Rodríguez-Pérez & Betancor, 2023); são infra-humanizadas e objetificadas numa sociedade racista, sem direitos de serem apenas mulheres (Anderson et al., 2018).

Apesar de o estudo ter cumprido os objetivos pretendidos, ele não está isento de limitações. A primeira limitação é que os grupos de participantes não foram equiparados; como alternativa, estudos posteriores podem controlar os gêneros dos participantes para verificar se a percepção dos relacionamentos amorosos em termos da interseccionalidade pode ser afetada. Outra limitação foi o efeito insignificante do sexismo como mediador, o que pode estar relacionado ao contexto específico ou às características da amostra. São necessárias mais pesquisas que explorem se o sexismo exerce maior influência em outros cenários ou quando combinado com diferentes tipos de variáveis. Mais estudos são necessários para investigar também o papel das emoções secundárias no processo de infra-humanização, a fim de verificar com maior precisão as implicações desse fenômeno e como ele se relaciona com o racismo. Apesar de alguns fatores significativos terem sido encontrados nesta pesquisa experimental, os resultados podem ter sido limitados devido às características das variáveis analisadas e às condições da amostra utilizada, composta por estudantes universitários. Faz-se necessário que mais estudos explorem essas relações, utilizando outras populações e outros contextos, para que se possa investigar mais profundamente, possibilitando a criação de intervenções eficazes para preconceitos múltiplos e interseccionais.

O presente estudo demonstrou que a mulher negra recebe menor valor de indenização por sua separação, é mais frequentemente associada a emoções primárias e ainda sofre com o racismo moderno. Embora a interseccionalidade entre racismo, sexismo e as emoções atribuídas a exogrupos pertencentes a categorias desvalorizadas seja amplamente discutida, ainda existem poucos estudos focados nessas implicações, e menos ainda que explorem teorias como a da infra-humanização. Os achados desta pesquisa contribuem para uma compreensão mais aprofundada de como a sobreposição

entre racismo e sexismo, associada às emoções, está relacionada às formas de estigmatização da mulher negra. É fundamental reconhecer que as diferenças raciais existem em um país marcado por diferentes graus de colorismo, onde o valor de uma pessoa muitas vezes é julgado com base em características como o tom de pele e traços fisiológicos.

Embora o tema do racismo tenha sido amplamente discutido nos últimos anos, ainda são poucos os estudos que consideram outros fatores envolvidos nessa teia de desigualdade que afeta a população negra em geral, especialmente as mulheres. As mulheres negras são marginalizadas, sexualizadas e hostilizadas desde a infância, sendo constantemente obrigadas a provar seu valor como seres humanos e a trabalhar duas ou três vezes mais que as mulheres brancas para alcançar os mesmos objetivos. É essencial não apenas enxergar o racismo de forma isolada, mas também compreender toda a estrutura que sustenta a sociedade e a maneira como essa estrutura se organiza, para que seja possível estudá-la e reorganizá-la de forma eficiente. Isso garantirá os direitos de toda a população, independentemente de raça, classe ou gênero, e permitirá o acesso a políticas públicas de qualidade.

Referências

- Akotirene, K. (2019). *Interseccionalidade*. Polém.
- Allport, G. (1954). *The nature of prejudice*. Addison-Wesley.
- Anderson, J. R., et al. (2018). Revisiting the Jezebel stereotype: The impact of target race on sexual objectification. *Psychology of Women Quarterly*, 42(4), 461-476. <https://doi.org/10.1177/0361684318791543>
- Baldry, A. C., Pacilli, M. G., & Pagliaro, S. (2015). She's not a person . . . She's just a woman! Infra-humanization and intimate partner violence. *Journal of Interpersonal Violence*, 30(9), 1567-1582. <https://doi.org/10.1177/0886260514540801>
- Brasil. Ministério da Igualdade Racial. (2023). *Informe MIR Monitoramento e avaliação nº 2: edição mulheres negras*. <https://x.gd/roo3G>
- Boccato, G., Trifiletti, E., & Dazzi, C. (2015). Machocracy: Dehumanization and objectification of women. *TPM-Testing, Psychometrics, Methodology in Applied Psychology*, 22, 429-437. <https://doi.org/10.4473/TPM22.3.8>
- Cabral, U. (2023). Mulheres pretas ou pardas gastam mais tempo em tarefas domésticas, participam menos do mercado de trabalho e são mais afetadas pela pobreza. *Agência IBGE Notícias*. <https://x.gd/Uc29H>
- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences* (2ª ed.). Lawrence Erlbaum Associates.
- Coles, S. M., & Pasek, J. (2020). Intersectional invisibility revisited: How group prototypes lead to the erasure and exclusion of Black women. *Translational Issues in Psychological Science*, 6(4), 314. <https://doi.org/10.1037/tps0000256>
- Crenshaw, K. (2018). Demarginalizing the intersection of race and sex: A Black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory, and antiracist politics [1989]. Em *Feminist Legal Theory* (pp. 57-80). Routledge.
- Crenshaw, K. (1989). Demarginalizing the intersection of race and sex: A Black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory, and antiracist politics. *The University of Chicago Legal Forum*, (140), 139-167.
- Federici, S. (2017). *O Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. Editora Elefante.

- Feijó, J. (2022). A participação das mulheres negras no mercado de trabalho. *FGV IBRE*.
<https://blogdoibre.fgv.br/posts/participacao-das-mulheres-negras-no-mercado-de-trabalho>
- Feijó, J. (2023). Mães solo no mercado de trabalho. *FGV IBRE*.
<https://blogdoibre.fgv.br/posts/maes-solo-no-mercado-de-trabalho>
- Fernandes, S. C. S. (2011). *Crenças raciais e infra-humanização: uma análise psicossocial do preconceito* (Tese de doutorado, Universidade Federal da Bahia, Instituto de Psicologia).
- Fernandes, S. C. S., & Pereira, M. E. (2019). Percepção de diferenças intergrupais e infra-humanização. *INTERthesis*, 16(2), 75-92. <https://doi.org/10.5007/1807-1384.2019v16n2px75>.
- Formiga, N. S., Gouveia, V. V., & Santos, M. N. (2002). Inventário de sexismo ambivalente: Sua adaptação e relação com o gênero. *Psicologia em Estudo*, 7(1).
- Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2023). *Anuário Brasileiro de Segurança Pública*. FBSP.
- Glick, P., & Fiske, S. T. (1996). The Ambivalent Sexism Inventory: Differentiating hostile and benevolent sexism. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70(3), 491-512. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.70.3.491>
- Glick, P., & Fiske, S. T. (2001). An ambivalent alliance: Hostile and benevolent sexism as complementary justifications for gender inequality. *The American Psychologist*, 56(2), 109-118. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.56.2.109>
- Hooks, B. (2018). *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras* (1ª ed.). Rosa dos Tempos.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2024). *Estatísticas de gênero: Indicadores sociais das mulheres no Brasil* (3ª ed.). IBGE.
- Lerner, G. (2019). *A criação do patriarcado: História da opressão das mulheres pelos homens* (L. Sellera, Trad.). Cultrix.
- Leyens, J. P., Demoulin, S., Vaes, J., Gaunt, R., & Paladino, M. P. (2007). Infra-humanization: The wall of group differences. *Social Issues and Policy Review*, 1(1), 139-172. <https://doi.org/10.1111/j.1751-2409.2007.00006.x>
- Leyens, J. P., Paladino, P. M., Rodriguez-Torres, R., Vaes, J., Demoulin, S., Rodriguez-Perez, A., & Gaunt, R. (2000). The emotional side of prejudice: The attribution of secondary emotions to ingroups and outgroups. *Personality and Social*

Psychology Review, 4(2), 186-197.

https://doi.org/10.1207/S15327957PSPR0402_0

- Leyens, J. P., Rodriguez-Perez, A., Rodriguez-Torres, R., Gaunt, R., Paladino, M. P., Vaes, J., & Demoulin, S. (2001). Psychological essentialism and the differential attribution of uniquely human emotions to ingroups and outgroups. *European Journal of Social Psychology*, 31(4), 395-411. <https://doi.org/10.1002/ejsp.50>
- Lima, M. E. O. (2020). *Psicologia social do preconceito e do racismo*. Blucher Open Access.
- Lima, M. E. O., & Vala, J. (2005). A cor do sucesso: Efeitos da performance social e econômica no branqueamento e na infra-humanização dos negros no Brasil. *Psicologia USP*, 16(3), 143-165. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642005000200008>
- Ma, D. S., Correll, J., & Wittenbrink, B. (2015). The Chicago face database: A free stimulus set of faces and norming data. *Behavior research methods*, 47(4), 1122-1135. <https://doi.org/10.3758/s13428-014-0532-5>
- Marcondes, M. M., Queiroz, C. Querino, A. C., Valverde, D. L. S. P. (2013). *Dossiê mulheres negras: Retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil*. Ipea.
- McConahay, J. B. (1986). Modern racism, ambivalence, and the Modern Racism Scale. Em S. Dovidio & J. F. L. (Eds.), *Prejudice, discrimination, and racism* (pp. 91-125). Academic Press.
- McMahon, J. M., & Kahn, K. B. (2018). When sexism leads to racism: Threat, protecting women, and racial bias. *Sex Roles*, 78(9-10), 591-605. <https://doi.org/10.1007/s11199-017-0828-x>
- Nogueira, O. (2007). Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: Sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. *Tempo Social*, 19(1). <https://doi.org/10.1590/S0103-20702007000100015>
- Pacheco, A. C. L. (2008). *Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar: escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia* (Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas).
- Pisticelli, A. (2009). Gênero: A história de um conceito. In H. B. de Almeida & J. E. Szwako (Orgs.), *Diferenças, igualdade* (pp. 116-148). Berlendis & Vertecchia.

Rodríguez-Pérez, A., & Betancor, V. (2023). Infrachumanization: A retrospective on 20 years of empirical research. *Current Opinion in Behavioral Sciences*, 50, 101258. <https://doi.org/10.1016/j.cobeha.2023.101258>

Santana, A. A. (2022). *Caminhos para a despersonalização: uma iconografia de mulheres negras* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Sergipe).


Viki, G. T., & Abrams, D. (2003). Infra-humanization: Ambivalent sexism and the attribution of primary and secondary emotions to women. *Journal of Experimental Social Psychology*, 39(5), 492-499. [https://doi.org/10.1016/S0022-1031\(03\)00031-3](https://doi.org/10.1016/S0022-1031(03)00031-3)

Received: 2025-02-06


Accepted: 2025-12-03

Anexo

Manipulação da Situação A



NOTÍCIAS HOJE




Maria Pede Indenização Após Divórcio.

“Maria e Pedro Pereira se conheceram na época da faculdade e se casaram após a formatura. Maria seguiu uma carreira promissora como médica, enquanto Pedro trabalhava como engenheiro civil. Durante o casamento, Pedro teve a oportunidade de abrir sua própria empresa de construção, que se tornou um sucesso significativo nos últimos anos. Após 20 anos de casamento, Maria decide pedir o divórcio a Pedro.

Maria alega: “Fui subestimada e desvalorizada no meu casamento (...)”

“(…) minhas conquistas pessoais eram diminuídas constantemente por ele, eu me sentia depreciada no casamento (...), para cuidar dele e dos meus filhos eu abri mão de inúmeras oportunidades profissionais (...)”

(...) e ainda o ajudei a subir em sua carreira profissional(...)”



De acordo com a jornalista, Maria solicita uma **indenização significativa** como parte do acordo de divórcio, afirmando que sua contribuição para o sucesso financeiro de Pedro foi significativa e que ela merece ser compensada por isso.

Manipulação da Situação B



NOTÍCIAS HOJE



Maria Pede Indenização Após Divórcio.

“Maria e Pedro Pereira se conheceram na época da faculdade e se casaram após a formatura. Maria seguiu uma carreira promissora como médica, enquanto Pedro trabalhava como engenheiro civil. Durante o casamento, Pedro teve a oportunidade de abrir sua própria empresa de construção, que se tornou um sucesso significativo nos últimos anos. Após 20 anos de casamento, Maria decide pedir o divórcio a Pedro.

Maria alega: “Fui subestimada e desvalorizada no meu casamento (...)”

“(…) minhas conquistas pessoais eram diminuídas constantemente por ele, eu me sentia depreciada no casamento (...), para cuidar dele e dos meus filhos eu abri mão de inúmeras oportunidades profissionais (...)”

(...) e ainda o ajudei a subir em sua carreira profissional(...)”



De acordo com a jornalista, Maria solicita uma **indenização significativa** como parte do acordo de divórcio, afirmando que sua contribuição para o sucesso financeiro de Pedro foi significativa e que ela merece ser compensada por isso.